

# Um Palanque de Minas

21-4-66  
Rubem Braga

**A**NDOU ameaçado o governo de Minas: alguém tentou a tomada violenta do poder em Belo Horizonte. Não foram oficiais do Exército nem da milícia estadual: foram quatro moças, e quatro rapazes, todos estudantes. Segundo afirma o delegado de Vigilância Social, sr. Davi Hazan, eles estavam reunidos em uma sala «conspirando com o finalidade de subverter a ordem» quando foram presos; naturalmente foram apreendidos terríveis documentos, relatórios comunistas, etc.

O mais curioso é o que me informa um amigo chegado de Minas: os estudantes teriam sido presos inicialmente por agentes da Polícia da Marinha, a famosa Cenimar, naturalmente encarregados de garantir a segurança da navegação no rio Arrudas e na Lagoa Santa. Verdade ou não, o fato é que serão julgados pela Justiça do Exército, em Juiz de Fora. Julgados e condenados, porque naquela Auditoria de Guerra uma coisa implica em outra. E ali, escreveu não leu, o cristão pega 10, 15, 20 anos.

Em vista do que, a família mineira está sossegada. A família mineira é essencialmente católica e conservadora; logo, se os subversivos foram presos e vão ser condenados, a família mineira está descansada e feliz.

Assim deveria ser; assim logicamente deveria ser. Mas a verdade é que não é assim. A verdade é que a Vigilância Social do delegado Hazan (que vem do tempo do sr. Magalhães Pinto, mas em quem o sr. Israel Pinheiro não mexeu) e os oficiais condenadores de Juiz de Fora (que nem o general Costa e Silva nem o marechal Castelo Branco removem, porque no fundo estão muito satisfeitos com eles) — a verdade é que essa Inquisição das montanhas está inquietando e amargurando a família mineira.

É difícil encontrar hoje uma pessoa de tradicional família mineira que não tenha um parente ou um contraparente ameaçado pela polícia e pela Justiça Militar. Aqui é um jovem professor, ali é uma jovem universitária, ou um bancário pai de família ou um quieto funcionário público. Súbitamente vai sobre sua cabeça uma suspeita, fruto de alguma denúncia, e antes que a família saiba o que está acontecendo a pessoa já está jogada entre criminosos comuns da Penitenciária das Neves ou em um xadrez qualquer, incomunicável, à disposição de alguma autoridade militar e em vésperas de condenação.

São comunistas, católicos, democratas simples, protestantes, positivistas, budistas — ninguém escapa a esse torvo policialismo que está enchendo de mal-estar e envenenando a vida mineira, produzindo dramas obscuros e revoltas íntimas, fazendo tremer o colono na roça e o estudante na porta da escola, aterrorizando o operário e o intelectual, o funcionário e a freira.

Ninguém está mais garantido; a suspeita, o medo, a insegurança destroem a paz dos lares, perturbam os estudos e o trabalho, humilham o homem de boa vontade, avacalham as melhores consciências. Isso tudo em nome da Revolução. Isso tudo em meio às comemorações libertárias do sacrifício de Tiradentes...

Ainda bem que algo se revolta: pelo menos aquele palanque de São João del Rei, pesado de autoridades e suas consciências, que se negou a sustentar a comédia das homenagens ao mártir da democracia e da libertação nacional!

80